

LUIS SEPÚLVEDA

A VENTUROSA HISTÓRIA
DO USBEQUE MUDO

Tradução de Helena Pitta

O soldado Tchapaiev em Santiago do Chile

Para as minhas companheiras e companheiros de militância na Juventude Comunista do Chile e na Federação Juvenil Socialista, porque juntos partilhámos o belo sonho de sermos jovens sem ter de pedir licença.

No início de dezembro de 1965, soubemos que o cardeal norte-americano Francis Spellman abençoava a guerra de extermínio no Vietname, justificando-a como uma cruzada em defesa da fé cristã. Era verão em Santiago do Chile. Era noite no bairro Vivaceta. Uma noite quente à saída do sindicato têxtil Vestex, onde os militantes das células Maurice Thorez e Nguyen van Troi retiravam as bandeiras vermelhas do palco, depois de um comício multitudinário de solidariedade para com o Vietname.

A notícia foi-me dada pelo camarada Marcos enquanto devorávamos umas sanduíches de pernil com abacate e salivávamos por uma cerveja ausente, porque os militantes da Juventude Comunista do Chile nunca bebiam em público.

Depois de deixarmos as bandeiras vermelhas, os cartazes e os exemplares sobrantes do *Gente Jovem*, o jornal da JC, na sede do partido, perto do velho cinema Nacional da avenida Independencia, o camarada Marcos tornou a ler a notícia publicada no *El Siglo*, o jornal do PC, e disse numa voz alta e nítida que tínhamos de fazer alguma coisa, sem precisar o quê, e eu concordei e acrescentei que devíamos fazê-la rapidamente.

O camarada Marcos manifestou a sua aprovação, defendeu convictamente que o valente soldado Tchapaiev teria pensado o mesmo e seguimos para casa porque no dia seguinte tínhamos aulas e estávamos em época de exames.

No dia seguinte, o camarada Marcos esperava por mim na sala de bilhar Roma, o único lugar onde deixavam entrar menores de dezoito anos. Como sempre, jogámos umas partidas numa das mesas de pano verde desbotado pelos anos. Depois, o camarada Marcos, na qualidade de responsável político da célula Nguyen van Troi, e eu, da Maurice Thorez, fizemos a análise política da ação solidária do dia anterior e, pela primeira vez, descobrimos que estávamos desconcentrados, que toda a nossa energia se canalizava para esse «fazer alguma coisa» em resposta à provocação do cardeal Spellman.

– O teu avô é anarquista. Ensinou-te como se queimam igrejas? – inquiriu o camarada Marcos.

– Não, e não acho que essa ideia seja do agrado do partido – respondi.

Então, o camarada Marcos falou-me das alianças de classe, necessárias nos momentos cruciais da vida social, e mais ainda na altura de passar à ação revolucionária.

– Que isto fique entre nós: estou a ler Trotski, *A Revolução Permanente*, e Leon Davidovitch aconselha a anteciparmos-nos aos factos – confessou o camarada Marcos.

– Isso também o defende Lenine em *O Estado e a Revolução* – acrescentei para manter a pureza ideológica da JC.

– O caso é que os socialistas também querem fazer alguma coisa e amanhã vamo-nos reunir com o companheiro Tino – disse o camarada Marcos.

O companheiro Tino era o responsável pela organização do núcleo Marmaduke Grove, da Federação Juvenil Socialista. Eu não gostava dos companheiros da FJS: não me agradava a sua

falta de disciplina, nem o hábito de se gabarem da sua dupla militância. O próprio Tino, por exemplo, era dirigente da FJS e de um grupo chamado Os Militantes Vermelhos. Eu gostava de Salvador Allende e não conseguia perceber como é que um líder daquela envergadura não era comunista.

Não gostava de Tino, sobretudo porque tinha uma mota *Sachs*, na qual costumava passear as camaradas mais bonitas da JC e da FJS do bairro Vivaceta, sempre muito agarradas à sua cintura. Até várias militantes da falange Teilhard de Chardin, da Juventude Democrata-Cristã, tinham andado naquela mota. Não gostava de Tino mas gostava da irmã dele.

A reunião fez-se em casa de Tino. Uma senhora simpática abriu-nos a porta e convidou-nos a entrar e a sentarmo-nos numa sala desprovida de qualquer decoração proletária. Da cozinha chegava-nos o aroma inconfundível do *pan de pasqua* acabado de fazer. Nisto apareceu Tino, que nos levou até ao quarto.

– Uma cervejinha? – ofereceu.

Antecipando-me ao camarada Marcos, que se preparava para aceitar, recusei a oferta, dizendo que os militantes da JC não bebiam quando estavam em missão partidária.

– Com certeza. Esqueci-me de que vocês se estão a candidatar a santos – disse Tino, abrindo uma garrafa de *Pilsener*.

No quarto de Tino também não havia enfeites proletários, a não ser a bandeira do Partido Socialista, vermelha, com um mapa da América do Sul e um machado índio a meio do continente. Nas estantes não se viam quaisquer livros emblemáticos da luta de classes, mas antes *Os Filhos de Sánchez*, de Oscar Lewis, *Os Condenados da Terra*, de Franz Fanon, e *Los Fundamentos del Marxismo*, de Julio César Jobet. Um grande estandarte do clube de futebol Colo-Colo ocupava todo o espaço atrás da cama, e a secretária estava parcialmente coberta de revistas de motociclismo.

Tino estendeu-nos os seus *Lucky Strike*, que recusei, deitando mão ao meu maço de *Baracoas*. O camarada Marcos aceitou um cigarro do imperialismo e, seguindo as instruções de Tino, queimou-o com a pequena chama do fósforo antes de o acender. O ambiente tornou-se decadente e pequeno-burguês.

– Acho que devíamos fazer um relatório acerca do motivo desta reunião – disse eu.

– Para com a conversa de chacha. Todos concordamos em que temos de fazer alguma coisa e eu sei o que devemos fazer. O resto é paleio – declarou Tino e, de uma gaveta da secretária, tirou um tubo metálico fechado com duas grandes porcas.

Preparava-me para acrescentar que a disciplina militante exigia uma análise objetiva da situação, que assim o aconselhava a experiência histórica, e quis mencionar que, na Duma de São Petersburgo, bolcheviques e mencheviques discutiram durante setenta e duas horas antes do apelo à insurreição das massas russas, mas nesse momento a porta abriu-se e apareceu Genoveva, a irmã de Tino.

– Rapazes, não querem ir até à cozinha servir-se de um bocadinho de *pan de pascua*? – convidou com um sorriso irresistível.

– Mais tarde! Agora estamos ocupados – respondeu Tino.

Apesar da ênfase das palavras dele, ignorei-as, levantei-me e, antes de sair, disse ao camarada Marcos que ele era o mais indicado para continuar.

Sobre a mesa da cozinha estavam alinhados muitos *panes de pascua*. A divisão cheirava a baunilha, a frutas cristalizadas, a canela e ao champô de Genoveva. Contou-me que todos os anos faziam *panes de pascua* para oferecer aos familiares e vizinhos, seguindo uma receita dos avós, e serviu-me uma fatia grossa.